

Demissão voluntária bate recorde em 2024 com mercado aquecido

Disponibilidade de empregos, trabalho remoto e maior presença de jovens favorecem busca por melhores oportunidades, indicam economistas

Por **Marsílea Gombata** — De São Paulo

15/07/2024 05h00 - Atualizado

A combinação de fatores conjunturais e estruturais tem levado o número de demissões a pedido do trabalhador a atingir novos recordes. Segundo economistas, mercado de trabalho ultra-aquecido, ampliação do trabalho remoto e mais jovens qualificados na força de trabalho têm feito os desligamentos a pedido crescer com força, inclusive em setores que vinham apresentando queda dessa tendência no começo do ano, como informação e comunicação.

De acordo com levantamento da LCA Consultores feito para o **Valor**, com base em números do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), em termos proporcionais, o número de desligamentos a pedido como percentual do total de desligamentos acumulados em 12 meses chegou a 34,6% em maio, ante 34,4% em abril, e 34,2% em março. Em maio de 2023 a proporção era de 33,7%.

Em termos absolutos, o acumulado em 12 meses também indica aceleração das demissões a pedido, de 7,68 milhões em abril para 7,77 milhões em maio. Em maio de 2023 chegava a 7,03 milhões. Na comparação mensal, o total de desligamentos desse tipo acelerou com força até abril para 734,94 mil, mas tem leve desaceleração em maio, chegando a 705,71 mil.

Mercado aquecido leva a novos recordes

Desligamentos a pedido acumulados em 12 meses em relação ao total de desligamentos - em %

Sector	Mai/24	Máximo	Média	Mínimo	Recorde
Saúde Humana e Serviços Sociais	44,5	44,5	37,7	28,5	SIM
Alojamento e Alimentação	40,8	40,8	31,0	22,1	SIM
Artes, cultura, esportes e recreação	38,9	38,9	28,0	17,6	SIM
Comércio	38,3	38,3	27,6	21,1	SIM
Transporte, Armazenagem e Correio	35,7	35,7	25,4	16,9	SIM
Indústrias de Transformação	35,7	35,7	25,4	16,9	SIM
Outras atividades de serviços	25,7	25,7	20,1	15,4	SIM
Construção	22,1	22,1	15,2	8,9	SIM
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	46,5	48,8	25,0	13,1	NÃO
Educação	43,0	43,2	33,8	25,9	NÃO
Serviços domésticos	40,9	41,8	26,5	18,7	NÃO
Atividades financeiras, de seguros e de serviços relacionados	40,1	45,7	34,7	25,1	NÃO
Informação e Comunicação	38,7	50,6	35,3	25,2	NÃO
Atividades profissionais, técnicas e científicas	33,2	35,4	25,3	18,0	NÃO
Atividades imobiliárias	32,3	32,4	23,4	16,6	NÃO
Atividades administrativas e serviços complementares	32,1	33,5	27,3	20,6	NÃO
Eleticidade e Gás	30,9	32,7	25,5	16,4	NÃO
Administração pública, defesa e seguridade social	30,7	34,7	26,4	19,5	NÃO
Indústrias Extrativas	29,0	30,2	20,8	11,1	NÃO
Agricultura	28,3	28,8	22,7	17,8	NÃO
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Contaminação	27,5	27,9	21,0	12,8	NÃO
Total	34,6	34,6	25,9	19,3	SIM

Fonte: Novo Caged. Elaboração: LCA Consultores.

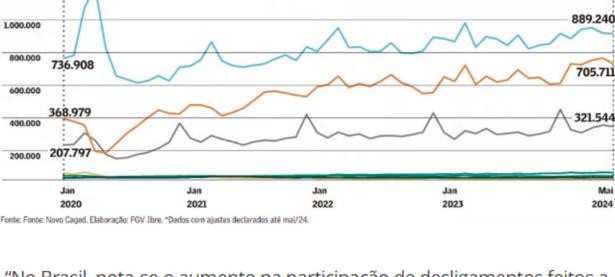
Segundo Bruno Imaizumi, economista da LCA responsável pelo levantamento, o fenômeno é explicado por uma conjunção de fatores conjunturais e estruturais.

“O que está acontecendo, basicamente, é a combinação de atividade econômica e mercado de trabalho aquecidos, inserção dos jovens nesse mercado e mudanças comportamentais pós-pandemia, que têm relação com questões como tempo de deslocamento até o trabalho, equilíbrio entre vida pessoal e profissional, e qualidade de vida”, afirma. “O principal impulso para isso foi o retorno ao trabalho presencial exigido pelas empresas.”

Tanto os números do Novo Caged quanto da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) mostram o aumento desse tipo de demissão, observa.

Alta rotatividade

Total de demissões a pedido ganham impulso



Fonte: Fonte: Novo Caged. Elaboração: FGV Ibré. *Dados com ajustes declarados até mai/24.

“No Brasil, nota-se o aumento na participação de desligamentos feitos a pedido do próprio trabalhador, segundo o Novo Caged, sugerindo que os celetistas estão confiantes em obter admissões em outros postos de trabalho, com maiores remunerações, jornadas mais flexíveis e/ou cargos mais condizentes com suas qualificações”, afirma Lucas Assis, economista sênior e analista da Tendências Consultoria.

“Além de o cenário econômico atual ser menos instável do que no triênio 2020-22, o comportamento recente do mercado formal sinaliza maior oferta de vagas com carteira assinada.”

Outra evidência do dinamismo do mercado de trabalho formal é o aumento da quantidade de requerimentos ao seguro-desemprego, acrescenta Assis. Em maio, o número de pessoas procurando emprego sem encontrar chegou a 7,78 milhões, segundo dados da Pnad Contínua.

“No Brasil, o seguro-desemprego é pró-cíclico, ou seja, os pedidos aumentam quando a economia aquece. Isso porque, ao perceberem robustez no mercado, os trabalhadores tendem a pedir demissão para buscar melhores oportunidades”, argumenta.

A conjuntura atual de expansão da economia leva ao aumento da oferta de postos de trabalho relativamente melhores, comenta Assis, com ampliação do número de recém-contratados com aumento salarial, decorrente da migração proveniente de postos de trabalho piores.

“Não por acaso, no trimestre móvel encerrado em maio, o rendimento real habitual, medido pela Pnad Contínua, chegou a R\$ 3.181, um crescimento de 0,6% ante o trimestre anterior, com ajuste sazonal, segundo nossos cálculos. Na comparação com o mesmo trimestre móvel de 2023, a alta foi de 5,6%”, afirma.

A alta do rendimento do trabalho refletida em salários maiores ajuda a explicar o número de demissões a pedido, uma vez que esses valores maiores aumentam o poder de negociação do trabalhador, afirma Rodolfo Margato, economista da XP.

“Além da própria dinâmica do mercado trabalho apertado ou aquecido, com a menor taxa de desemprego em quase 10 anos, de 7,1% em maio, os salários reais têm tido crescimento médio importante”, argumenta. De setembro de 2023 a maio de 2024, afirma o economista, os rendimentos médios reais cresceram mais de 4%, enquanto a renda disponível das famílias deve crescer 6% neste ano, na comparação com 2023.

Celetistas estão confiantes em obter admissões em outros postos de trabalho

— Lucas Assis

“Nesse cenário, os trabalhadores têm maior poder de barganha, e isso aumenta a rotatividade do mercado de trabalho, levando a pedidos de demissão voluntária, uma vez que esses trabalhadores buscam condições melhores em outros empregos e oportunidades que aparecem”, afirma.

Margato acrescenta ainda questões estruturais relativamente recentes que influem nesse cenário. “Da pandemia para cá, ficou mais visível um novo comportamento dos trabalhadores, que buscam trabalhos com jornadas mais flexíveis”, comenta o economista da XP.

Ele diz que a proporção de demissões voluntárias é maior dentre trabalhadores com maior qualificação, que possuem maior poder de barganha na hora de negociar com o empregador. E, do ponto de vista regional, costuma ser maior em Estados com taxa de desemprego mais baixa, como Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Ainda em termos estruturais, afirma Assis, os efeitos da ampliação do trabalho remoto também ajudam a explicar os novos recordes de demissão a pedido do trabalhador.

“Devido a melhorias tecnológicas, crescente demanda por flexibilidade, redução de custos e tempo de deslocamento, entre outros benefícios, o trabalho remoto ganhou espaço no Brasil, ainda que em menor proporção do que nas economias mais ricas”, diz. Segundo a Pnad Contínua, lembra, cerca de 9,5 milhões de pessoas realizaram trabalho remoto em 2022, representando 9,8% do total de ocupados do país, chegando a 11,8% na Região Sudeste.

“O perfil predominante dos trabalhadores remotos é o de maiores rendimentos, atribuídos a fatores como maior nível de escolaridade e empresas inseridas em atividades de maiores remunerações”, analisa Assis.

O economista lembra que nos Estados Unidos uma consequência do trabalho remoto foi um forte aumento das demissões voluntárias durante a pandemia, resultado de mudanças nas percepções dos trabalhadores sobre condições e arranjos de trabalho desejados. O fenômeno ficou conhecido como “great resignation” (ou a grande renúncia).

Setores

Com exceção de atividades econômicas como agricultura, pecuária, produção e indústrias extrativas, em todas as outras cresceu a proporção de desligamentos a pedido do trabalhador em relação ao total de demissões no acumulado em 12 meses, mostra o levantamento da LCA.

Olhando os números absolutos no acumulado em 12 meses, o setor de serviços foi onde houve maior crescimento de demissões a pedido entre abril e maio, indo de 3,64 milhões em abril para 3,69 milhões em maio, em uma alta de 1,2%. Em seguida vêm construção (com alta de 1,1%), comércio (com crescimento de 1,08%), indústria (com alta de 1%). Na agropecuária, houve estabilidade de um mês para outro.

“Isso pode ser explicado pela queda projetada para a produção agrícola neste ano em relação a 2023, o que certamente acaba afetando o nível de emprego”, diz Imaizumi. “Por outro lado, agentes da construção civil estão com dificuldades de manter funcionários, especialmente os mais qualificados.”

Nos setores de serviços e comércio, afirma, como os salários geralmente são baixos, o número de desligamentos a pedido é maior, pois é mais fácil encontrar oportunidades melhores.

No médio prazo, a perspectiva é que 2024 seja ano de recorde de demissões a pedido do trabalhador. Mas a tendência futura é de redução do ritmo, preveem os economistas.

“Para o restante do ano, a expectativa é de perda de ritmo de crescimento da população ocupada, apesar do início de ano surpreendente, tendo em vista a expectativa de menor expansão do PIB nos próximos trimestres. Com isso, a participação de desligamentos a pedido deve arrefecer no curto prazo”, afirma Assis.

Neste ano, argumenta Margato, além do mercado de trabalho aquecido, a busca por maior flexibilidade e trabalho remoto continuarão pesando.

“É difícil imaginar uma mudança estrutural nesse sentido. Em 2024 provavelmente veremos recordes de demissões voluntárias sendo renovados”, diz, ao citar alta de 15% desses desligamentos no acumulado do ano, em relação ao mesmo período do ano passado, e de 25% em relação a igual período de 2023. “Olhamos para 2025, contudo, talvez não vejamos renovação dessas máximas históricas.”

Conta para isso a perspectiva do aumento do desemprego, em linha com a desaceleração da economia. A XP projeta alta da taxa de desemprego de 7,3% neste ano para 7,6% no ano que vem, acompanhando a perda de tração do PIB, cujo crescimento deve passar de 2,2% em 2024 para 1,7% em 2025.